

Créditos

Paratopia e proxêmica discursiva: discurso e resistência na literatura

© 2020 Rosângela Carreira

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Carreira, Rosângela

Paratopia e proxêmica discursiva : discurso e resistência na literatura / Rosângela Carreira. – 1. ed. – São Paulo : Blucher Open Access, 2020.
e-book il.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-058-4

1. Análise do discurso. 2. Linguística I. Título.

20-044

CDD 801

Índice para catálogo sistemático:

Linguística

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Conteúdo

AGRADECIMENTOS

DEDICATÓRIA

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I - NA CALADA DA HISTORICIDADE

CAPÍTULO II - APRESENTAÇÃO DE JOSÉ DO NASCIMENTO MORAES, O INVENCÍVEL DEGENERADO

CAPÍTULO III - SEMÂNTICA E POLÊMICA: NAS IMEDIAÇÕES DO DISCURSO

CAPÍTULO IV - DISCURSO CONSTITUINTE: NAS FRONTEIRAS DO VEROSSÍMIL

CAPÍTULO V - PARATOPIA e PROXÊMICA: MÚLTIPLAS FACES DE UM MULTIVERSO DISCURSIVO

CAPÍTULO VI - O DISCURSO DA NEGRITUDE EM VENCIDOS E DEGENERADOS: UM DISCURSO TESTEMUNHO-DOCUMENTAL PARATÓPICO

DA CONCLUSÃO AO PRENÚNCIO: O ENTRE-LUGAR E A PARATOPIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRADECIMENTOS

Homi Bhabha em sua obra *O local da Cultura* faz um belíssimo agradecimento em que narra os momentos de encontros com pessoas que de algum modo ajudaram na execução da pesquisa e do livro, ele inicia dizendo que “a melhor maneira de se registrar *a memória da gratidão* não é, certamente, através das cuidadosas listas de pessoas e lugares que a página de agradecimentos comporta”

É tão sutil a maneira como ele faz esse registro da memória da gratidão que me identifiquei com ele, quisera ter a mesma habilidade para registrar aqui minhas memórias e fugir um pouco da lista de agradecimentos tão comuns, mas também concordo que não há como registrá-la de forma eficaz.

Em meu mestrado, optei por um organograma de nomes e palavras significativos, uma rede de emoções e recordações que levaram à conclusão. Para o doutorado, quero agradecer à dádiva dos encontros e construir meu *registro de memórias da gratidão* por meio desse “encontrar” constante que a investigação e a vida me proporcionaram.

O encontro com Professor Doutor Jarbas Vargas Nascimento carrega consigo a palavra amiga, o conforto e a força necessárias para seguir. A cada orientação, mais do que referências bibliográficas, saí com referências para a vida pessoal e profissional.

O encontro com Professora Doutora Anna Maria Marques Cintra é daqueles que constrói pontes, mas se for preciso a desmorona e recomeça, num aprendizado tão intenso que devo a ele, tudo o que sei sobre o mundo acadêmico, tendo a certeza de que sempre haverá esse elo de admiração e aprendizado constantes.

Já com Professor Doutor Luiz Antonio Ferreira o encontro é daqueles com gosto de canção, tem jeito de encontro familiar e tem a força da generosidade. Como agradecer as experiências de trabalho que me prepararam para a vida acadêmica? Como agradecer todas as vírgulas corrigidas neste texto? Não há palavras que possam expressar as emoções geradas pela leitura delicada com questionamentos profundos que me fizeram ver além de um gerundiar qualquer, rindo, chorando, lendo sobre “vocalidade” e recordando com saudade de ensinamentos importantes transmitidos, regados a brindes, cigarros e sorrisos. E trouxeram à lembrança outros encontros encantados como aqueles vividos com Luciana Platero e Silvio Luiz da Silva, a quem agradeço a revisão do *abstract*.

Na qualificação o reencontro, um encontro interdisciplinar de grande parceria e generosidade. Agradeço por esse momento e ao Professor Maurício pela sensibilidade de ter percebido que o poder é o interdiscurso do meu discurso e por me apresentar outros olhares para a Literatura afro-brasileira.

Nessas memórias de gratidão, encontro sempre os Grupos de Pesquisa com os quais interagi no mestrado, no doutorado e na vida profissional (GELEP, GELC e Memória e Cultura na Língua Portuguesa Escrita no Brasil) onde encontrei novos autores, novas ideias e companheiros de jornada. Lembro-me de tardes e manhãs de profundas discussões, mas além das trocas, lembro-me dos olhares encorajadores de Camila Pettrasso, Márcio Rogério Cano, Izilda Nardocci, Silvana Baliviero e Lillian Passarelli e tantos outros que passaram pelos grupos. Agradeço a esse encontro tão frutífero que gerou e ainda gera tantos trabalhos prazerosos.

Ao encontro com Lillian Passarelli minha gratidão à parte por estar sempre por perto para um conselho ou uma ajuda generosa e por ter me ensinado a reconhecer vespereiros.

À família Nascimento Moraes agradeço o encontro generoso e afetivo com que me receberam, brindando-me com lembranças generosas e minúcias do convívio com José do Nascimento Moraes. Em minhas memórias sempre guardarei agradecidamente a tarde na varanda com Dona Loreley de Moraes, onde fui recebida com cafezinho saboroso e buscamos reminiscências de família e livros rodeadas pelo aroma do afeto de um jardim ludovicense e também serei grata por ter sido recebida por Sr. Jomar Moraes em sua biblioteca pessoal com 5000 exemplares com quem proseei sobre José do Nascimento Moraes e também sobre Borges, Oswald e autores em comum, banhada pela sabedoria que a vida imprime.

Mais do que meros encontros virtuais ou presenciais, agradeço o encontro fraternal com os amigos Ricardo Celestino, que leu e revisou um dos capítulos, discutindo-o e criticando-o; Márcio Rogério de Oliveira Cano que está sempre aberto a compartilhar, com quem já partilhei tantos trabalhos e por ter tido a paciência de me ouvir falar sobre formação discursiva; Everaldo Nogueira Jr. pelo apoio e discussões sobre genericidade e Ramon Chaves por nossas discussões sobre sujeitos e paratopias.

Ao Professor Doutor Nilton Tadeu Alonso de Queirós, meu amigo-irmão Nilton, agradeço pelo encontro e por tudo que já encontramos e vivemos juntos, por ter revisado este trabalho com olhar carinhoso e orientações preciosas e por ser a dádiva fraternal que me acompanha com paciência, nunca me deixando desistir. Revisão que foi dividida com Silvana Baliviero que, nesse momento tão delicado da vida, teve a generosidade de ler e opinar sobre as páginas deste livro.

Agradeço aos encontros espirituais que se mantém, como Richard Marcello que mesmo ausente esteve presente em minha memória e conjecturas, sabendo que um dia vamos nos reencontrar.

À minha família, encontro maior de minha existência, que me apoia sempre e que teve paciência de suportar minha ausência em muitos encontros e, principalmente, a Paulo Sérgio Carreira, que ouviu pacientemente minhas digressões para que nos pudéssemos (re)encontrar.

E a todos os encontros e reencontros que ainda marcarão o registro dessas memórias deixo antecipadamente minha eterna gratidão.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao centenário de “Vencidos e Degenerados” com a esperança de que seja resgatado nos estudos da Literatura nacional para que seu *discurso da negritude* possa ser conhecido não somente como testemunho-documental de períodos históricos, mas também como motivador para mais ações políticas afirmativas e sirva de inspiração a todo o cidadão que se reconhece negro neste país.

E também a José do Nascimento Moraes, a sua imagem de autor e a seu discurso literário, em que há uma multiplicidade de enunciadores que clamam por justiça social, educação de qualidade e inclusão de forma a convertê-lo em discurso atemporal.

Para André, Fábio e Paulo.

PREFÁCIO

A pesquisa que possibilitou a publicação desse livro traz contribuições fundamentais para o campo dos estudos discursivo-literários em Língua Portuguesa, na medida em que coloca em foco categorias enunciativas, tais como a paratopia e a proximidade testemunho-documental. Mas, talvez, a contribuição mais importante seja atitude da pesquisadora em selecionar para objeto de análise o discurso da negritude, tema, ainda, pouco explorado na academia e tão relevante ao debate sobre a constituição da identidade do negro brasileiro.

É necessário enfatizar, também, a coragem da autora em apresentar a voz do negro no discurso literário e seu apelo a ser lembrado e ouvido frente à exclusão social, cultural e histórica que o aniquila. Essa questão essencial que a pesquisa apresenta revela marcas e movimentos dos sujeitos negros na história e geram incômodos intersubjetivos que são revelados no e pelo discurso de José do Nascimento Moraes, escritor maranhense, que viveu no período da escravidão. Sem dúvida, a descoberta desse escritor e de sua produção possibilitou o resgate da voz do negro na Literatura brasileira. Assim, nessa pesquisa, a negritude literária ganha identidade, em razão dos aspectos discursivos, sociais, históricos e políticos que a revelam muito antes de a intelectualidade nacional valorizar a literatura negra.

A Análise do Discurso de linha francesa (AD) foi a escolha teórico-metodológica que respaldou o percurso interdisciplinar empreendido na tarefa de dar conta da hipótese formulada em torno do discurso produzido por Nascimento Moraes. Daí tornou-se fundamental enfocar, pela materialidade linguística, o discurso da negritude dentro de suas condições sócio-histórico-culturais, balizado pelo interesse da pesquisadora por diferentes mecanismos discursivos, a fim de evidenciar seu compromisso pessoal com a discursividade e com os aspectos socioculturais da linguagem, entrelaçados pela historicidade discursiva.

Na verdade, esse é um estudo de articulação interdisciplinar, pois envolve a Linguística, particularmente a AD, a Filosofia, a Teoria Literária, a Literatura negra, a Sociologia, a Antropologia e os Estudos Culturais. A preocupação da autora com cada um desses campos de conhecimento mostra seu objetivo de salientar a relação da linguagem com as práticas sociais em circulação. É esse espaço discursivo de interlocução teórico-metodológica que garantiu a qualidade do produto final da pesquisa, que se resume na comprovação da condição paratópica do discurso testemunho-documental.

Na busca de marcas e mecanismos linguístico-discursivos que respondam pela produção de efeitos de sentido estético-literário e identitários, a autora explorou aspec-

tos fundamentais do discurso de Nascimento de Moraes. Cumprindo rigorosamente seus objetivos, esse trabalho, sem dúvida, contribui para a ampliação do debate iniciado por Maingueneau sobre discursos constituintes, paratopia e proxêmica relacionados ao discurso literário.

Para mim que acompanhei o percurso dessa pesquisa, confesso que me surpreenderam os resultados alcançados pela pesquisadora. Ressalto, principalmente, aqueles relacionados à articulação teórico-metodológica de diferentes campos do conhecimento e às dimensões histórico-sociais, ao abordar o tema da paratopia ligado à negritude e o encaixamento das condições sócio-históricas e culturais de produção do discurso *Vencidos e Degenerados* como ponto central para a discussão da tese.

Para encerrar, gostaria de explicitar que tornar pública a pesquisa de Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira viabiliza a diferentes leitores a oportunidade de partilhar um estudo sério e robusto, que exigiu muito empenho e dedicação da pesquisadora. Com certeza, esse livro contribui com os estudos em Análise do Discurso, diversifica cada uma das áreas configuradas e amplia as categorias selecionadas, principalmente, a paratopia. Trazer a discussão sobre a negritude para o espaço acadêmico pareceu-me uma ótima oportunidade de relacionar a pesquisa à vida.

São Paulo, setembro de 2020.
Jarbas Vargas Nascimento

INTRODUÇÃO

A voz do negro na Literatura começa a ser resgatada e valorizada somente no século XXI no Brasil, fato que evidencia diferentes posicionamentos discursivos na busca por fazer-se “ouvir”. A posse da palavra pelo negro como reação à situação de exclusão social, histórica e cultural é o que consideramos *discurso da negritude*. Esse discurso é atemporal, embora os movimentos negros e os assuntos étnico-raciais sempre estejam em pauta na História da Humanidade.

Nas primeiras décadas do século XX nos Estados Unidos, temáticas raciais são trazidas à baila. Intelectuais e ativistas reúnem-se em torno das questões sociais e políticas em prol de ações afirmativas, que são reforçadas por meio do poder social da Arte. O artista negro, ativista, torna-se *porta-voz* de toda uma comunidade, porque (re) conhece as relações de poder e dominação. A construção de imagens afirmativas marca o *New Negro Movement*, também conhecido como *Harlem Renaissance* e aproxima artistas, escritores e intelectuais como W.E. B. Du Bois, Marcus Garvey, Langston Hughes e outros. (DUARTE, 2011)

Na Europa, principalmente, na França de 1930, artistas da diáspora negra de língua francesa também fomentam o movimento da *Négritude*, o *Renascimento Negro*, entre eles, Aimé Césaire, da Martinica, Léon Damas, da Guiana Francesa e Léopold Sédar Senghor, que defendem politicamente os signos da africanidade. Assumem-se negros e dão voz à *negritude* da época, como revela Munanga (2012).

Césaire, um dos pais da negritude, em seu “Discurso sobre a negritude” proferido em 1987 na *Primeira Conferência Hemisférica dos Povos Negros da Diáspora – Negritude, Etnicidade e Culturas Negras nas Américas*, assume que o termo *negritude* o incomoda por ser utilizado, algumas vezes, de forma reducionista e por reforçar preconceitos e hierarquias sociais que inferiorizam o negro, ainda que tenha sido seu idealizador e tenha colaborado com a expansão do termo política e artisticamente.

Mesmo assim, Césaire (1987) defende sua utilização por ser o incômodo necessário à intelectualidade mundial, para que se defendam os direitos do negro e porque em torno da *negritude* uniram-se comunidades de ativistas defensores dos direitos, das ações e da palavra de toda a comunidade de afrodescendentes. A partir desse sentimento, concebe uma multiplicidade de definições para *Negritude*:

A decir verdad, es todo eso lo que para nosotros jóvenes estudiantes (en la época de Léopold Senghor, Léon Damas, yo mismo más tarde, Alioune Diop y nuestros compañeros de Présence Africaine) contenía y contiene, también en opinión de los supervivientes del grupo, la palabra en otro tiempo tan criticada, tan desnotada, de todos modos una palabra de empleo y manejo difícil la palabra negritud.

La negritud, en mi opinión, no es una filosofía.

La negritud no es una metafísica.

La negritud no es un pretencioso concepto del universo.

Es una manera de vivir la historia dentro de la historia: la historia de una comunidad cuya experiencia se manifiesta, a decir verdad, singular con sus deportaciones, sus transferencias de hombres de un continente a otro, los recuerdos de creencias lejanas, sus restos de culturas asesinadas.

¿Como no creer que todo esto tiene su coherencia constituye un patrimonio?

¿Se necesita algo más para fundar una identidad?

Los cromosomas me importan poco. Pero sí creo en los arquetipos.

Creo en el valor de todo lo que está enterrado en la memoria colectiva de nuestros pueblos e incluso en el inconsciente colectivo. No creo que se llegue al mundo con el cerebro vacío, como se llega con las manos vacías.

Creo en la virtud plasmadora de las experiencias seculares acumuladas y en lo vivido transmitido por las culturas.

Singularmente, y dicho sea de paso, jamás he podido hacerme a la idea de que los millares de africanos que la trata negrera transportó en otro tiempo a las Américas no hayan podido tener más importancia que aquella que podía medir solo su fuerza animal - una fuerza animal análoga no forzosamente superior a la del caballo o la del buey - y que no hayan fecundado con un cierto número de valores esenciales las civilizaciones nacientes de las que estas nuevas sociedades eran en potencia las portadoras.

Es decir, que la negritud en primer grado puede definirse en primer lugar como toma de conciencia de la diferencia, como memoria, como fidelidad y como solidaridad

Pero la negritud no es únicamente pasiva. No pertenece al orden de padecer y sufrir.

No es ni un patetismo ni un dolorismo.

La negritud resulta de una actitud activa y ofensiva del espíritu.

*Es sobresalto, y sobresalto de dignidad.
Es rechazo, quiero decir rechazo de la opresión.
Es combate, es decir, combate contra la desigualdad.
Es también revuelta. Pero entonces me diréis, ¿revuelta contra
qué? (CESAIRE, 1987:pp.86-7)*

A revolta se direciona contra o reducionismo europeu que inferiorizou o “ser negro” e o estigmatizou. Perante essas “definições”, esses embates e contrassensos, avaliemos e assumimos que o *discurso da negritude* está na cisão entre o “ser” e o “mundo”, o “eu” e o “outro”, na resistência e nas relações de poder que se estabelecem para construir um lugar para “o dizer” no presente, no passado e no futuro.

As estratégias discursivas revelam as marcas e os movimentos dos sujeitos na história (“A história da história”) e geram incômodos intersubjetivos revelados no/pelo discurso. Nesse “lugar”, que Fanon (2008) chama de “entre-lugar” está o *discurso da negritude*.

É a essa fonte que a Crítica Literária voltada à Literatura Afro-brasileira recorre para, no final do século XX início do século XXI, investigar a presença negra no cenário artístico nacional. A *negritude literária* ganha corpo graças a aspectos sociais, históricos e políticos, que a motivam e revelam-na muito antes de a intelectualidade nacional valorizar a literatura afro-brasileira.

Os estudos de Literatura e afrodescendência da atualidade lutam para resgatar para a memória nacional vozes esquecidas no ensino dos cânones literários e também enfrentam a difícil tarefa de analisar a originalidade dos registros deixados pela presença negra no âmbito literário.

A Literatura afro-brasileira pode ser estudada por meio de alguns aspectos como: *temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público-leitor*. Todos esses elementos apresentarão um discurso voltado ao negro, expresso pelo/sobre o negro. (DUARTE, 2011). Assim, essa produção tem como característica apresentar um enunciador que se assume negro, “quer-se negro” inserido socialmente com direitos civis garantidos.

Embora historicamente os Movimentos Negros sejam responsáveis por “demarcar” o território da legitimação dos direitos dos afrodescendentes, julgamos que o *discurso da negritude* sempre existiu e se manifestou, mas sua presença social foi renegada e deixada no ostracismo pelo discurso dominante eurocentrista.

Sem dúvida alguma, os ativistas afrodescendentes e as políticas afirmativas atuais favorecem e abrem possibilidades de desmistificação do universo africano, mas para que possam ser resgatados elementos significativos, há uma luta e uma contestação do *status quo* constantes. São essas posturas que permitem a reação e o estabelecimento de direitos necessários para alcançarmos a igualdade social. Esse processo de reação diante da situação de dominação e aculturação é a manifestação do *discurso da negritude*.

São fortes os estudos históricos, sociológicos, literários e linguísticos que buscam analisar a relação entre o negro e sua realidade. Podemos citar nas primeiras fases: Gilberto Freyre (2004 e 2006), Florestan Fernandes (1978, 2005-6, 2006 e 2008), Antônio Cândido (1989) e Alfredo Bosi (1995 e 2010). E na contemporaneidade: Kabengele Munanga (2006 e 2012)¹, Margarida Petter e Luiz Fiorin (2009), Zilá Bernd (2009) e Eduardo Duarte (2011 e 2014), entre outros, que assumem perspectivas diferenciadas sob enfoque antropológico, sociológico, cultural, estilístico, lexicológico, historiográfico etc.

Esse caminho teórico pré-existente em diversas áreas, no entanto, consolida-se aos poucos sob a égide de, no mínimo, três perspectivas (e uma quarta que ainda desponta) que envolvem as temáticas do discurso do negro, pelo negro e para o negro.

A *primeira* perspectiva é ainda influenciada pelos aspectos coloniais, em que a presença de afrodescendentes na sociedade brasileira é analisada sob a base biológica, em que a questão da raça (termo utilizado inicialmente) se sobressai e o racismo ainda se impõe.

A *segunda* perspectiva reconhece a miscigenação e a presença de negros e índios na composição da sociedade e da cultura brasileira.

A *terceira* contesta essa última e desconstrói uma (im)possível “democracia racial”. Essas primeiras perspectivas foram construídas por intelectuais, em sua maioria, brancos que se respaldavam na questão da miscigenação, sempre com influências exteriores.

Já a *quarta*, mais atual, composta por intelectuais que se assumem como afrodescendentes em sua maioria e por sujeitos atuantes em diferentes áreas da sociedade brasileira, ambos ativistas sociais.

Devido a esse percurso investigativo pré-existente e por se tratar de uma pesquisa de doutorado, optamos por propor uma análise pautada, sobretudo, na Análise do Discurso (AD) de linha francesa, perspectiva que transforma este trabalho em interdisciplinar, pois os estudos de outras áreas de conhecimento são relevantes para a investigação das diferentes dimensões discursivas. Esse posicionamento teórico-metodológico norteará o propósito de analisar o discurso da negritude em “Vencidos e Degenerados” de José Nascimento de Moraes (escritor maranhense considerado de grande importância no resgate da memória da Literatura afro-brasileira) para comprovar que seu testemunho se transforma em registro documental no discurso e de forma paratópica.

Nossa descoberta recente do *corpus*, não só reforçou o interesse pelas questões que envolvem o negro no Brasil, mas também encaminhou a pesquisa para dois as-

¹ Em nossa opinião, Kabengele Munanga é dos estudiosos brasileiros o que apresenta estudos mais ricos relacionados à questão. Possui uma obra vasta, mas delimitamos somente àquela que utilizamos como referência principal.

pectos iniciais importantes: a descoberta de um discurso literário escrito por um negro intelectual, que presenciou o período escravocrata, jornalista e ativista social e, ao mesmo tempo, a revelação de *um discurso da negritude* que pontua a resistência social, cultural e política do negro de forma atemporal e se reifica como testemunho-documental de um dizer que luta por um lugar.

O discurso é o lugar do dizer, o *topos* em que as redes de construção de sentidos se constituem. O *discurso da negritude*, assim, fará parte da construção desse “lugar” ou desses “lugares” e, redundantemente, fará parte da busca por um lugar social que se consolida em discurso e simboliza a “voz” de uma coletividade. Os sujeitos constituem-se no processo de interação que instaura esse lugar.

Diante do exposto e pensando nesses aspectos a partir da AD, como base teórico-metodológica interdisciplinar, justifica-se esta pesquisa, pois é importante pensar a questão africana a partir de uma perspectiva discursiva. Daí, nossa delimitação a análise da *paratopia*, assunto ainda pouco explorado dentro da própria AD e que pode colaborar para a comprovação de nossa hipótese tanto para a análise do *discurso da negritude* quanto para a comprovação das características testemunhais.

Sob a perspectiva discursiva, essa multiplicidade de *topoi* se institui tanto pela *constituência*² discursiva quanto pela *primazia do interdiscurso* propostas por Maingueneau (2010). Pois, se considerarmos que todo discurso é primordialmente interdis-

2 O termo “constituência” está presente em muitos textos de Dominique Maingueneau relacionado aos discursos constituintes/fundadores, embora não seja um termo dicionarizado em português, é uma terminologia específica da AD. Em nosso entendimento, não se trata de um problema de tradução, pois difere de “constituente” por referir-se “à ação, ao processo, ao ato de ser constituinte”. Nos originais em francês encontramos o termo “constituance” para diferenciar de “constituant”. No Artigo “Quelques implications d’une démarche d’analyse du discours littéraire”, por exemplo, lê-se:

Si les discours constituants se définissent fondamentalement par la position qu’ils occupent dans l’interdiscours, par le fait que, n’ayant pas de discours au-delà d’eux-mêmes, ils ne peuvent s’autoriser que d’eux-mêmes, l’important n’est pas d’en dresser la liste, que de comprendre ce qui caractérise leur « **constituance** ». *On ne peut pas répondre par oui ou par non à la question de savoir si la psychanalyse, par exemple, est un discours constituant : dans sa version lacanienne, cela ne fait pas de doute, mais quand il s’agit d’une simple discipline psychothérapeutique, certainement pas. (...)*

L’idée que la littérature soit un discours constituant surprend certains. Sans doute parce que plus ou moins consciemment ils assimilent « constituant » et « fondateur » et qu’il leur semble qu’à la différence du discours philosophique ou du discours religieux, en particulier, la littérature n’est pas un discours fondateur. En réalité, le type de réflexivité fondamentale, selon laquelle un discours constituant ne peut s’autoriser que de lui-même, varie avec le discours concerné. **La constituance ne fonctionne pas sur un seul mode, elle adopte autant de régimes qu’il y a de discours constituants distincts. Ce n’est pas parce que le discours littéraire ne réfléchit pas son fondement sur le mode du concept ou de la transcendance divine qu’il ne participe pas de la constituance. (...)**

Disponível em: <https://contextes.revues.org/93>. Acesso em: 12 jun. 2015.

No Brasil, o termo aparece nas obras “Discurso Literário”, “Pragmática do discurso literário” e “Doze conceitos em Análise do Discurso”..

cursivo, tanto o tempo quanto o lugar do discurso podem ser ampliados, duplicados ou multiplicados.

Maingueneau (2010), afirma ainda que é possível analisar *o topos* discursivo e reputa a existência de *tropismos, atopia e paratopia*.

Os tropismos são discursos que guardam certas semelhanças com os discursos constituintes, seja por sua temática ou por seu alcance, mas não podem se autolegitimar como, por exemplo, os discursos políticos que atingem a coletividade.

A atopia concretiza um “*não-lugar*” próprio de discursos à margem da sociedade, como o discurso pornográfico.

Já a paratopia expressa o pertencimento e o não pertencimento, a impossível inclusão em uma “topia”. Pode assumir a forma de alguém que se encontra em um lugar que não é o seu, de alguém que se desloca de um lugar para outro sem se fixar, de alguém que não encontra um lugar; a paratopia afasta esse alguém de um grupo (*paratopia de identidade*), de um lugar (*paratopia espacial*) ou de um momento (*paratopia temporal*) e ainda há as *paratopias linguísticas*, cruciais para o discurso literário, que caracteriza aquele que enuncia em uma língua considerada como não sendo, de certo modo, sua língua. (MAINGUENEAU, 2008)³

Nosso trabalho surge para despertar ainda mais na PUC/SP o interesse por questões étnico-raciais no que concerne à Língua Portuguesa, ao Discurso

Literário Afro-brasileiro e à Análise do Discurso. Apresenta um *corpus* pouco conhecido pela comunidade, explora uma possibilidade de análise do discurso literário e contribui com a expansão dos conceitos de: *paratopia, proxêmica e discurso da negritude*.

Diante do exposto, o tema desta pesquisa é o estudo da *paratopia* como estratégia para a construção do testemunho-documental de *um discurso de negritude*⁴ presente em “Vencidos e Degenerados” de José do Nascimento Moraes.

Essa temática é responsável pelo questionamento que acompanha a investigação: como a *paratopia* colabora para a construção e para a legitimação de um *discurso da negritude* em “Vencidos e Degenerados” de Nascimento de Moraes e caracterizam a *proxêmica discursiva* literária como testemunho ou documento?

A partir desse problema, instituímos como *objetivo geral*: verificar as estratégias que revelam a *paratopia* e as condições sócio-históricas de produção presentes na *proxêmica* testemunho-documental em “Vencidos e Degenerados” para a análise do *discurso da negritude* da época. E *objetivos específicos*: relacionar discurso literário,

3 Maingueneau (2011), apresenta ainda o conceito de mimotopia. Esses conceitos serão retomados no Capítulo V.

4 Termo utilizado a partir da concepção de “Negritude” trazida na obra homônima de Kabengele Munanga.

testemunhal e documental e o papel da *paratopia* e da historicidade numa possível definição ou caracterização *proxêmica*; ampliar os conceitos de *paratopia* e *proxêmica* relacionados à AD para a análise da constituição do discurso testemunhal ou documental no discurso literário de Nascimento de Moraes.

Nossa hipótese é que o *discurso de negritude* que se apresenta no discurso literário de *Vencidos e Degenerados* de José do Nascimento Moraes consubstancia-se em testemunho-documental porque se constrói e é legitimado, a partir do deslocamento de *paratopias* entrelaçadas com a historicidade discursiva. Supomos que o discurso testemunho-documental se apresenta nesse movimento de deslocamento para legitimação de um discurso ou de um ideal para configurar uma espécie de “desenho estilístico ou semiótico” do discurso testemunhal, o qual chamamos de *proxêmica discursiva*.

Não somente a comprovamos como a ampliamos, pois consideramos que o *discurso da negritude* como atemporal por manifestar-se em reação ao discurso vigente e também ampliamos a noção de *proxêmica* e *paratopia* relacionadas ao testemunho e ao discurso literário.

Para isso, no *primeiro capítulo*, estudamos a questão do negro no Brasil para chegarmos à concepção do que consideramos ser *discurso da negritude*, perpassando a historicidade relacionada à *colônia, abolição e República; teorias racistas e racismo; identidade e conceituação de negritude*. Para isso, fizemos um percurso teórico passando por M'Bokolo (2011), Rodrigues (2010), Freyre (2004 e 2006), Prado Jr. (1981), Ribeiro (1995), Fernandes (1978, 2005-2006 e 2008) e, sobretudo, Munanga (2006 e 2012), Fanon (2008), Bhabha (1998) e Hall (2013).

No *segundo capítulo*, apresentamos o *corpus*, como parte importante para a análise das condições sócio-históricas de produção que farão parte da *paratopia*.

No *terceiro* apresentamos a Análise do Discurso de Linha Francesa situando-a como área de conhecimento interdisciplinar, partindo das práticas discursivas, passando por um percurso de estudo da Arte até chegarmos às categorias iniciais utilizadas nesta pesquisa. Delimitamos o conceito de *formação discursiva*, a partir de Foucault (2005a) para o estudo de *universo, campo e espaço discursivos* propostos por Maingueneau (2008). Dessa interrelação entre o processo histórico da AD, a formação discursiva e a tripartição proposta por Maingueneau (2008) para análise do discurso, apresentamos o conceito de enunciação e o papel dos interlocutores nos planos semânticos para a observação dos efeitos de sentido e dos conceitos de *cena genérica, cena englobante e cenografia*. Porque é a partir da composição da *cena de enunciação* que as relações entre os participantes do processo comunicativo se estabelecem, decorre desse movimento a primeira ilustração do que consideramos ser *discurso da negritude* e o papel da imagem do negro no processo de interlocução e na sociedade, por isso, finalizamos com a concepção de *ethos*.

No *quarto*, tratamos de *discurso literário*, como discurso constituinte, apresentando a complexidade que o envolve e seu poder mimético. Com Maingueneau (2006),

partimos do princípio de que o discurso literário é imanentemente constituinte e essa característica encontra-se não somente na maneira como se perpetua historicamente, mas também como interpola elementos sociais e psicológicos importantes para a Humanidade, os quais reiteram seu poder desestabilizador. Assumimos essa desestabilização e apresentamos algumas considerações sobre gêneros do discurso que se consubstancia por sua heterogeneidade. Para isso, utilizamos os conceitos de Lucács (2000), Bakhtin (2003), Benjamin (1985) e Maingueneau (2006). Por fim, exploramos os aspectos conceituais do romance testemunhal, sobretudo, a partir de De Marco (2004), Seligman-Silva (2006) e Bosi (1995) como elementos para o estudo e a análise do aspecto testemunhal discursivo.

No *quinto capítulo*, partimos do “lugar do dizer”, *topos* ou *topoi*, de onde um sujeito discursivo evoca um *dizer* carregado de representações sócio-histórico-culturais para chegarmos à paratopia, enquanto categoria principal de nosso trabalho. Para isso, utilizamos os estudos de Aristóteles (2000, 1987 e 1986) Curtius (1978), Cunha (1994) e Barthes (1987) até chegarmos a Maingueneau (2006) com a análise e classificação das paratopias literárias em *paratopia de identidade, espacial, temporal e linguística*. Ampliamos essas concepções em: *paratopia autoral, paratopia constituinte, paratopia afásica, paratopia investigativa, paratopia documental, paratopia testemunhal e paratopia testemunho-documental*.

No *sexto capítulo*, empreendemos a análise de *Vencidos e Degenerados*, no qual buscamos delinear como as categorias de análise corroboram para uma paratopia testemunho-documental.

Concluimos com nosso parecer sobre a paratopia testemunho-documental em *Vencidos e Degenerados*, em que ressaltamos a possibilidade de ampliação do conceito de paratopia discursiva. Analisamos que *o discurso da negritude* evocado nos enunciados analisados legitimam-se paratopicamente e ressaltamos a importância da análise de um romance sob a perspectiva discursiva.